

# Kautsky e a Revolução de 1905

RICARDO MUSSE\*

## 1. O Impacto na Alemanha do levante russo.

Os acontecimentos de 1905-1907 na Rússia foram seguidos atentamente pelos intelectuais e políticos alemães, uma experiência similar ao interesse despertado no final do século XVIII pela Revolução Francesa. Max Weber, na ocasião, chegou mesmo a interromper seus estudos para se dedicar ao aprendizado da língua russa e ao acompanhamento diário dos eventos. Weber não estava propriamente preocupado com as novas técnicas de luta ensaiadas durante o processo revolucionário, mas com os desdobramentos que teria para a Alemanha, e para a Europa em geral, uma situação em que “o poder do czar ficou suspenso no ar” e na qual não parecia improvável o desmoronamento do domínio da autocracia burocrática<sup>1</sup>.

No campo da esquerda, essa súbita e inesperada insurreição, a primeira sublevação proletária depois de um interregno de trinta e quatro anos, impôs a todos uma nova pauta de discussão. Numa conjuntura em que a superação do capitalismo reaparecia como uma possibilidade tangível, o debate acerca dos processos através dos quais se desenvolve a passagem ao socialismo e das formas mais pertinentes de organização dos trabalhadores deixou de ser uma mera, e pouco importante, questão teórica. Interpretações discrepantes acerca do significado da Revolução de 1905 acentuaram as divergências acerca da estratégia política mais adequada a essa nova fase da luta do proletariado, contribuindo para estruturar e cristalizar a tripartição no partido social-democrata alemão entre revisionistas, ortodoxos e esquerdistas, sob o comando, respectivamente, de Eduard Bernstein, Karl Kautsky e Rosa Luxemburg.

---

\* Professor do Departamento de Sociologia da USP.

<sup>1</sup> Os dois textos de Weber sobre esses acontecimentos foram reunidos por Maurício Tragtenberg em Max Weber, *Estudos Políticos: Rússia 1905 e 1907*. Rio de Janeiro: Azougue, 2005.

Na Rússia, o debate no interior do marxismo concentrou-se em torno das potencialidades dos conselhos, ou sovietes, a nova forma de poder proletário ensaiado em São Petersburgo durante a insurreição. Já no SPD, a polêmica girou quase sempre em torno de um único ponto: em que medida era necessário ou mesmo viável aplicar na Alemanha a tática, ensaiada pela primeira vez pelo proletariado russo, da greve de massas? Apesar do tom um tanto quanto anódino da querela, discutia-se mais do que a factibilidade do transplante de um método de luta surgido em condições bastante diversas da realidade alemã. Sob essa roupagem acessória estava em jogo a própria questão da possibilidade de uma retomada da revolução socialista.

O debate acendeu-se com a decisão da cúpula sindical, antes mesmo de conhecidos os desdobramentos da insurreição, de condenar as tentativas de assimilação dos procedimentos da classe trabalhadora russa, sentença que não se limitou a um gesto formal, pois chegou-se a proibir, nessas organizações, inclusive a propaganda da greve de massa. Com isso, a direção do aparato sindical pretendia coibir as interpretações que tendiam a conceber num mesmo registro os eventos na Rússia e a recente ofensiva da classe operária alemã, configurada simultaneamente por uma radicalização do movimento grevista, cujo ápice foi a greve dos mineiros do Ruhr, e por uma intensificação das reivindicações políticas, como a luta pela reforma eleitoral na Prússia e na Saxônia. Mas tinha também em mente a discussão – iniciada pela socialista holandesa Henriette Roland-Holst com a publicação de *Generalstreik und Sozialdemokratie* – acerca da possibilidade de introduzir no arsenal marxista uma forma de combate até então descartada por seus vínculos com a tradição anarquista<sup>2</sup>.

Enfraquecido pela divisão em diversas alas, o partido social-democrata alemão não conseguiu reagir à insubordinação da burocracia sindical<sup>3</sup>. Incapaz de

---

<sup>2</sup> Em 1906, Rosa Luxemburg dedica o primeiro dos oito capítulos de *Greve de massas, partido e sindicatos* à refutação da associação entre greve de massas e anarquismo. Além de lembrar o papel secundário do anarquismo na insurreição russa, sintoma de sua decadência histórica, Rosa ressalta que a versão ali encenada não foi, desmentindo as expectativas anarquistas, um “golpe teatral que permitisse economizar a luta política”. Muito pelo contrário, “a população trabalhadora e, à cabeça desta, o proletariado conduziram a luta revolucionária servindo-se da greve de massas como a arma mais eficaz na conquista dos mesmos direitos e condições políticas cuja necessidade e importância na luta pela emancipação da classe operária foram demonstradas por Marx e Engels, que as defenderam com todas as suas forças no interior da Internacional, opondo-se ao anarquismo” (Rosa Luxemburg, *Greve de massas, partido e sindicatos*. São Paulo: Kairós, 1979, p. 16).

<sup>3</sup> Acerca do enfrentamento entre partido e sindicatos em função da greve de massas veja Salvadori, “A Social-Democracia Alemã e a Revolução Russa de 1905”. In: Eric Hobsbawm (org.), *História do marxismo*, v. 3. São Paulo: Paz e Terra, 1982, pp. 245-261.

empreender uma ação coordenada e unificada, contentou-se em aprovar no Congresso de Iena (1905) uma resolução encaminhada por August Bebel que recomendava o recurso à greve de massas apenas em dois casos extremos, na defesa do sufrágio universal ou para manter o direito de associação, com o que, entretanto, liberava, de certa forma, sua propaganda. Essa solução intermediária, ditada mais pela necessidade de conciliar as diversas tendências do que propriamente pelo propósito de enfrentar os sindicatos, não impediu os funcionários sindicais de levar adiante sua desobediência às decisões partidárias. Durante o Congresso de 1906 estabeleceu-se um acordo pelo qual o SPD reconhecia a autonomia dos sindicatos, selando uma influência da cúpula sindical no partido que daí em diante cresceu cada vez mais.

A tibieza da social-democracia alemã diante dos sindicatos torna-se ainda mais evidente se levarmos em conta que desta vez os três mais proeminentes teóricos do partido, Eduard Bernstein, Karl Kautsky e Rosa Luxemburg, sustentavam igualmente – deixando de lado a questão dos fins visados – que o movimento operário não deveria prescindir da possibilidade de recorrer à tática de greves de massas.

Todos, inclusive Bernstein, entenderam que a Revolução de 1905 desmentira uma das premissas centrais do programa político esboçado por Engels na “Introdução de 1895”: a hipótese de um sepultamento definitivo de formas de enfrentamento, como manifestações e combates de rua, lutas de barricadas etc., consideradas inadequadas aos novos tempos, isto é, à modernidade *fin de siècle*. Isso exigia, pelo menos, uma revisão da proposta de levar adiante o confronto com a burguesia exclusivamente por meio da atuação legal, via eleições e ação parlamentar, dos partidos socialistas. Por outro lado, todos também admitiam, inclusive Rosa Luxemburg, a atualidade e a validade da crítica de Engels à fórmula “revolução de minoria”. Qualquer que fosse o caminho ou o método de luta mais apropriado para se chegar ao socialismo, o proletariado não poderia de modo algum dispensar a perseverança no trabalho a longo prazo ou o combate prolongado por posições, característicos das “revoluções de maiorias”.

Entretanto, se havia um consenso de que, na determinação da estratégia mais conveniente para o proletariado conquistar o poder político, não era mais preciso resgatar modelos do passado ou projetar expectativas acerca do futuro, pois o próprio presente histórico parecia ter se encarregado de fornecer as indicações necessárias, as alas revisionista, ortodoxa e esquerdista divergiam totalmente sobre o significado dos acontecimentos da Rússia, acerca da pertinência em se incentivar a transposição das greves de massas para a Alemanha e também, por conseguinte, na avaliação de se 1905 representava ou não uma modificação nas condições de luta do proletariado profunda o suficiente para anunciar uma era de revoluções.

Líder da tendência centrista, Kautsky não deixou de empolgar-se com a revolução russa, pelo menos num primeiro momento. Inferiu que sua influência ajudaria a oxigenar a social-democracia alemã, a seu ver, excessivamente comprometida com uma prática política, na situação atual, ineficaz<sup>4</sup>. A longo prazo, porém, sua posição acerca dos acontecimentos de 1905-1907 modifica-se bastante, seguindo inflexões claramente determinadas pelas oscilações da conjuntura alemã.

Mas para entender melhor a posição de Kautsky diante da insurreição proletária na Rússia, convém examinar primeiro sua concepção de marxismo, um dos paradigmas do “marxismo da segunda internacional”.

## 2. O marxismo, segundo Kautsky

O austríaco Karl Kautsky aderiu ao movimento socialista por volta de 1875, quando o sucesso da unificação dos partidos operários alemães começava a ecoar na Europa. Experiência até então inédita na história do socialismo, embora generalizada em sua geração, sua trajetória manteve-se, durante quase toda a sua existência (1854-1938), ligada indissociavelmente ao andamento e aos percalços da vida partidária. Mas também pode-se dizer que, em um movimento concomitante, sua obra teórica tornou-se, em sua época e ainda hoje, uma das marcas distintivas da imagem da social-democracia alemã<sup>5</sup>.

Em Zurique (quartel-general da cúpula do SPD durante a vigência da legislação anti-socialista e ponto de concentração de revolucionários europeus exilados), a partir de 1880, Kautsky engaja-se no partido social-democrata alemão por meio de uma freqüente colaboração e de uma amizade fraternal com Eduard Bernstein. Em seguida projeta uma revista, *Die Neue Zeit* – cujo primeiro número data de janeiro de 1883 –, editada inicialmente em Stuttgart, depois em Zurique e a partir de 1885 em Londres, sob o olhar benevolente de Friedrich Engels.

Na década de 1880, a *Neue Zeit* retoma de forma sistemática o combate ao ecletismo predominante nas fileiras do SPD, iniciado por Engels com a publicação dos artigos que deram origem ao *Anti-Dühring*. Assumindo, pela primeira vez, o uso do termo marxismo de modo consciente e positivo, adotam-no tanto como

<sup>4</sup> Em *O caminho do poder*, Kautsky transcreve trechos de um artigo de fevereiro de 1904 onde prevê que uma revolução na Rússia “não deixaria de influir poderosamente nos países vizinhos; estimularia e aticaria neles o movimento operário que receberia assim um impulso vigoroso no combate às instituições políticas que se opõem ao advento de uma verdadeira democracia, como é o caso, na Prússia, do sufrágio das três classes” (Kautsky, *O caminho do poder*, São Paulo: Hucitec, 1979, p. 13).

<sup>5</sup> Para uma breve apresentação biográfica de Karl Kautsky confira Giuliano Procacci, “Introdução a *A Questão Agrária* de Karl Kautsky”. In: Antonio Roberto Bertelli (org.), *Karl Kautsky e o marxismo*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1988, pp. 77-107.

linha programática quanto como um instrumento na luta política e ideológica<sup>6</sup>. Nessa tentativa de implementar uma “escola” marxista, Kautsky aproxima-se de Engels, com quem compartilhava interesses intelectuais comuns – especialmente o estudo das ciências naturais e da pré-história<sup>7</sup> –, não só por meio de manifestações públicas que o consagram como um “discípulo dileto”, mas principalmente por definir, nesse convívio, seu perfil intelectual como intérprete da obra de Marx e sistematizador do marxismo.

Como reconhecimento de seu trabalho à frente da *Neue Zeit* e em parte também graças à reputação adquirida com um resumo dos dois primeiros livros de *O capital* (*A doutrina econômica de Karl Marx*, 1887), Kautsky foi escolhido, junto com Bernstein, logo após a adesão oficial do SPD ao marxismo, para redigir o novo programa do partido. Coube a ele a parte teórica e a Bernstein o trecho mais diretamente político. Além disso, um comentário seu acompanhava a versão mais difundida desse texto, conhecido como *Programa de Erfurt*<sup>8</sup>.

Assim, não é de se estranhar que nos anos 1890, a *Neue Zeit*, e Kautsky com ela, adquiriram uma autoridade indiscutível acerca de tudo o que diga respeito ao socialismo científico. Com o fortalecimento da Segunda Internacional, a revista torna-se o órgão privilegiado de uma vigorosa opinião pública marxista. Além de contar com a colaboração regular dos principais teóricos da época – Paul Lafargue, Victor Adler, Franz Mehring, Gueórgui Plekhánov, Rosa Luxemburg etc. – foi lá que Eduard Bernstein publicou os textos, depois coligidos no livro *Problemas do socialismo*, que deflagaram a polêmica do revisionismo e dividiram, pela primeira vez, os marxistas em campos distintos.

A obra teórica de Kautsky desenvolveu-se também, à maneira de Marx e Engels, a partir de um acerto de contas com a sua formação juvenil, no caso, com o darwinismo. Mas, enquanto Marx e Engels dedicaram-se à superação da filoso-

---

<sup>6</sup> Acerca dos vários usos e significados do termo marxismo na *Neue Zeit* e também sobre o debate intelectual nesse período veja Georges Haupt, “Marx e o marxismo”. In: Eric Hobsbawn (org.), *História do marxismo*, v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1982, pp. 364-371.

<sup>7</sup> Em 1882, dois anos antes de Engels publicar *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, Kautsky escreveu *Origens do casamento e da família*. Tais ocupações retornaram intermitentemente ao longo de sua vida intelectual. Num discurso pronunciado em 1908, por exemplo, não hesita em colocar como pressuposto da descoberta da concepção materialista da história o desenvolvimento de duas ciências capitais: a economia política e o conhecimento da pré-história (cf. Karl Kautsky, *O marxismo*. São Paulo: Unitas, 1933, p. 21).

<sup>8</sup> Para uma análise desse comentário ao *Programa de Erfurt*, denominado pelo próprio Kautsky “catecismo da social-democracia”, veja Adam Przeworski, *Capitalismo e social-democracia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, pp. 68-113.

fia, Kautsky contentou-se em integrar o legado de Darwin ao marxismo<sup>9</sup>. Destacando os aspectos comuns a ambos – a base materialista, a vocação científica, o telos evolucionista – propôs uma síntese que, no campo do saber, assumiu a forma de uma convergência entre ciências da natureza e ciências do espírito e, no terreno político, adotou a “vontade de viver” como força motriz do conflito econômico e da luta de classes.

O tratamento unificado concedido a ciências até então delimitadas por diferenças metodológicas ou por distinções entre seus domínios sinaliza, em Kautsky, o predomínio da história, ciência proletária por excelência, a cuja metodologia devem, de certa maneira, se subordinar os demais saberes. O teor histórico do marxismo é aqui ressaltado não apenas pelo seu veredicto acerca do estatuto transitório do capitalismo, mas, sobretudo, pela sua capacidade de implementar e desenvolver a investigação histórica (à qual, diga-se de passagem, Kautsky se dedicava antes de sua adesão à linhagem de Marx). Tal pendor, já visível em sua leitura de *O capital*, a defesa da ampliação do conhecimento histórico enquanto uma das tarefas prioritárias da teoria marxista, justifica-se pela importância que atribui à memória histórica (no extremo, pela descoberta das leis históricas de um processo evolutivo pelo qual a humanidade caminha rumo à igualdade social) como fundamento da consciência política.

O fatalismo subjacente a tal perspectiva, resultado de um determinismo que aspira conhecer “a lei geral à qual estão submetidos tanto o desenvolvimento do homem quanto o desenvolvimento do animal e da planta”<sup>10</sup>, é complementado por um certo voluntarismo, ainda que direcionado. O combate do proletariado, primordialmente uma luta contra a vontade dos capitalistas de ampliar os lucros via aumento da exploração, é concebido como um “fenômeno inconsciente” e para evitar um “dispêndio inútil de energia” deve ser orientado pelo “conhecimento das tendências do processo social”, isto é, pela teoria socialista<sup>11</sup>.

Kautsky separa, assim, na contramão do *Manifesto do partido comunista*, socialismo e movimento operário. Segundo ele, são diversos pela origem: um nasceu como resistência prática ao capitalismo industrial, sob a forma de uma luta exclusivamente econômica, o outro surgiu, em meios burgueses, em parte graças ao conhecimento

<sup>9</sup> O darwinismo não foi a única influência que Kautsky carregou para o marxismo. Sua crença na inevitabilidade do progresso, sua confiança na ciência, seu pendor pedagógico, atestam uma adesão aos ideais do racionalismo iluminista.

<sup>10</sup> “Somente em determinadas condições sociais é a luta de classes o fator determinante da história; em última análise é sempre a luta contra a natureza. [...] A evolução social foi integrada, desse modo, nos quadros da evolução natural.” (Kautsky, *O marxismo*, cit., p. 20).

<sup>11</sup> Cf. Karl Kautsky, *O caminho do poder*. São Paulo: Hucitec, 1979, pp. 33-36.

científico. A sua unidade, entretanto, é inevitável. Sem o movimento operário, o socialismo é impotente e este, sem a teoria socialista, debate-se em vão. Deixadas em si mesmas, as associações profissionais (corporações) limitam-se a salvaguardar as conquistas imediatas de seus membros, sem atinar para a comunidade de seus interesses, o que dificulta a passagem do conflito puramente econômico para a luta política. Por sua vez, desconectada das lutas dos trabalhadores, a doutrina socialista não vai além do detalhamento de projetos utópicos destituídos de viabilidade prática.

O veículo ideal dessa união é o partido socialista de massas. O proletariado militante

encontra sua principal arma no agrupamento em massa em organizações livres, poderosas, autônomas, independentes de quaisquer influências burguesas. Só pode, porém, chegar a isso com uma teoria socialista, única capaz de discernir o interesse comum dos proletários na variedade infinita das diversas camadas proletárias e de estabelecer uma demarcação precisa e duradoura entre essas camadas e o mundo burguês<sup>12</sup>.

A cientificidade do marxismo científico insere-se, portanto, em um duplo registro: presta-se tanto para apontar (como teoria geral da história) as tendências do futuro quanto para unificar (como argamassa ideológica), sob a bandeira de um mesmo partido, os múltiplos extratos do proletariado<sup>13</sup>.

A rigidez do pensamento de Kautsky (seja no que tange à definição da linha partidária, seja nos delineamentos de princípios gerais aos quais, de certo modo, devem ser enquadradas as descobertas científicas específicas da tríade – história, economia e política – em que se subdividia então o marxismo), matriz de uma série de antinomias, entre as quais, o par fatalismo/voluntarismo, só vale verdadeiramente para as tendências a longo prazo. A descrição histórica do presente, a investigação acerca da situação da economia e do Estado da sociedade contemporâneas, a determinação da tática política cotidiana, em suma, a maior parte de suas intervenções como teórico semi-oficial do partido pauta-se por uma espantosa flexibilidade.

---

<sup>12</sup> Kautsky, *O marxismo*, cit., pp. 49-50.

<sup>13</sup> Kautsky foi criticado tanto por uma coisa quanto por outra. Para muitos, ao privilegiar os delineamentos de uma teoria geral da história descuidou de uma necessária teoria particular da revolução (cf. Haupt, op. cit., p. 371). Já os seguidores de Korsch, Erich Matthias em especial, o acusam de ter construído uma espécie de “ideologia de integração”, incumbida tanto de dissociar o SPD dos liberais quanto de mascarar as crescentes divergências internas (cf. Erich Matthias, “Kautsky e o kautskysmo”. In: Antonio Roberto Bertelli (org.), *Karl Kautsky e o marxismo*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1988, pp. 57-59.

Essa dicotomia que Kautsky acaba por constituir entre metas ou tendências de longo prazo e o dia-a-dia da prática partidária decorre, em larga medida, da cisão inicial que separa, como territórios distintos, socialismo e movimento operário. A interseção dessas esferas deve conduzir a uma síntese, a ser forjada no interior do partido, entre intelectuais e proletários, na qual os primeiros entram com o saber, à maneira do técnico engendrado pelo avanço das ciências naturais no mundo burguês, e os últimos com sua capacidade de organização, artífice de seu potencial poder. Essa anunciada convergência, no entanto, ao deixar a porta entreaberta para uma adequação da teoria ao propósito de compatibilizar interesses e setores diferenciados, configura, no máximo, uma solução de compromisso.

Nesse sentido, as oscilações da obra teórica de Kautsky, para muitos apenas sinal de ambigüidade e incoerência, explicam-se sobretudo por sua estreita associação com a trajetória política do partido social-democrata alemão. Se é verdade, como querem seus críticos, que Kautsky não concedeu, apesar de sua ênfase no assunto, à unidade de teoria e prática a importância devida, isso não se deve propriamente à acusação generalizada de uma defasagem entre a teoria e a prática, mas antes a uma subordinação (nunca assumida explicitamente mas nem por isso menos insidiosa) da teoria à prática. Só nesse sentido é que cabe propriamente falar na transmutação do marxismo em uma “ideologia de partido”.

### 3. Entre Ocidente e Oriente

Como vimos, em Kautsky, a conjugação de uma excessiva rigidez no campo doutrinário com uma espantosa flexibilidade na determinação do presente histórico e na elaboração da tática política não se prende apenas à sua conhecida dificuldade em orientar-se perante circunstâncias inesperadas – consequência de uma especialização direcionada pelas tarefas de interpretar a obra de Marx e de sistematizar o socialismo científico –, denota também o propósito recorrente de subordinar a teoria à prática partidária.

Entretanto, no momento em que a polêmica interna extravasa os limites freqüentemente auto-impostos pela preocupação, comum a todas as alas, com a unidade do SPD, sua postura de árbitro – quase sempre avalizada pelo apoio de Bebel –, a aposta no equilíbrio e na moderação, não convence mais. A adaptabilidade e heterogeneidade do programa, deliberadamente bifronte pela incorporação de propostas da direita e da esquerda, já não bastam para agrupar ou conciliar as forças centrífugas que dilaceram o partido. Daí em diante, servem apenas como racionalização teórica da atuação política do grupo centrista.

A estratégia para a superação do capitalismo delineada por Kautsky considera inevitável a ruptura da ordem vigente, descartando como utópica qualquer ex-

pectativa de transição “suave” para o socialismo<sup>14</sup>. Confiando que caberia ao proletariado decidir sobre o momento e a oportunidade do combate final, julga mais prudente, no entanto, resguardar a ação revolucionária para a batalha decisiva. No momento, caberia ao movimento operário – assim como ao seu braço político, o partido social-democrata – manter a autonomia e preparar-se para a revolução social. A melhor via para fortalecer sua capacidade prática e teórica seria, portanto, a luta cotidiana por reformas. Tal combate visa tanto debelar a miséria (uma “ameaça constante” que ronda os trabalhadores), promovendo o “renascimento físico e intelectual do proletariado”, quanto favorecer, pela democratização do espaço público, a implantação ou o bom andamento de instituições da classe operária tais como cooperativas, sindicatos e mesmo governos municipais socialistas.

À primeira vista, tal programa não passaria de uma recapitulação dos vínculos entre emancipação econômica e luta de classes política, ressaltados, por exemplo, por Rosa Luxemburg em sua polêmica com Bernstein. Na situação presente, porém, não se busca apenas restabelecer a unidade do marxismo ou justificar a prática política do partido social-democrata alemão. O modo como Kautsky articula o objetivo revolucionário com uma pauta de reformas delimita também o leque de procedimentos a serem seguidos para a conquista do poder, explicitando – além de uma interpretação dos mecanismos de formação da consciência de classe das massas proletárias – uma determinada concepção acerca da forma e das etapas da passagem ao socialismo<sup>15</sup>.

Segundo a ala esquerda, Kautsky e, com ele, a direção do partido, não concebem (por mais que digam o contrário) a revolução como um processo histórico em andamento, mas como um horizonte longínquo pouco influenciável pelas decisões do momento. A tática de guardar fileiras, de desenvolver o antagonismo da classe operária em relação ao mundo burguês contando apenas com a autonomia e independência de sua estrutura organizacional (base da política de “intransigência” dos socialistas), o desprezo pela possibilidade de aglutinar, educar e formar o exército proletário no próprio curso da luta revolucionária, assentam-se na perspectiva de que “a grande e decisiva batalha” consistirá em algo semelhante a uma medição,

---

<sup>14</sup> Uma exposição condensada dessa estratégia pode ser encontrada em Karl Kautsky, “O que é uma revolução social?”. In: Wright Mills (org.). *Os marxistas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, pp. 184-186. Para um relato da evolução histórica desse projeto político veja Massimo Salvadori, “Kautsky entre ortodoxia e revisionismo”. In: Eric Hobsbawm (org.). *História do marxismo*, v. 2. São Paulo: Paz e Terra, 1982, pp. 313-335.

<sup>15</sup> Não é de todo indiferente para a determinação de suas propostas políticas o fato de Kautsky considerar que a consciência socialista (e, a partir dela, o programa de plena autonomia organizativa e ideológica do proletariado) não se forma espontaneamente, sendo antes um elemento introduzido “de fora” na luta de classes.

quase estatística, de força e de potência entre o campo proletário e o bloco burguês. Nessa perspectiva, o projeto político de Kautsky tende a confundir o crescimento da consciência e da organização dos trabalhadores com a ampliação do aparato e das instituições operárias. Assim, na junção que promove entre prática cotidiana e objetivo final, a luta pelas reformas acaba transformando-se, de simples meio de fortalecimento do proletariado, em tarefa revolucionária<sup>16</sup>.

As ambigüidades e as contradições desse programa, sua incapacidade em reconstruir o consenso perdido, afloram nitidamente em *O caminho do poder*. Nesse livro de 1909, considerado como o mais independente de seus textos<sup>17</sup>. Kautsky procura aplicar, mas também adequar, os princípios gerais de sua estratégia – forjada na polêmica com o revisionismo e em parte como resposta às estocadas da ala esquerda – às questões levantadas por acontecimentos recentes, como a insurreição na Rússia (no momento, já debelada pelas forças governistas) ou a derrota eleitoral do SPD em 1907.

No balanço de Kautsky, os eventos dos últimos anos confirmaram seus prognósticos, emitidos no decorrer da revolução e até mesmo antes de sua deflagração, de que o Ocidente seria fortemente impactado por uma rebelião do proletariado russo. A radicalização do confronto entre as classes, o crescimento da agitação operária, o agravamento dos antagonismos sociais, o aumento da probabilidade, devido à crise de 1907, de “catástrofes financeiras” e ainda, pelo outro lado, o incremento da política neocolonial, tudo isso compõe um cenário marcado por uma “insegurança geral”. Mais ainda, indica a abertura de

um período de convulsões mundiais, de constantes deslocamentos de forças que, quaisquer que sejam sua forma ou duração, não poderão dar lugar a uma estabilidade duradoura enquanto o proletariado não encontrar forças para expropriar política e economicamente a classe capitalista e inaugurar assim uma nova era da história universal<sup>18</sup>.

A confiança na disseminação do impulso revolucionário do Oriente, a expectativa de sua transmissão para o Ocidente não era fruto apenas do entusiasmo ou de uma aposta no escuro, explica-se pela nova fase do capitalismo mundial, caracterizada por uma ampliação da penetração e da influência de seus princípios

<sup>16</sup> Um resumo dessas divergências, elaborado a posteriori por um representante da esquerda, pode ser encontrado em Matthias, op. cit., pp. 59-65. Já para uma apresentação menos partidária dessa discussão veja Waldenberg, op. cit., pp. 240-247.

<sup>17</sup> Trata-se, como adverte o prefácio, da exposição de um ponto de vista pessoal, isto é, de um raro texto de Kautsky publicado sem a chancela oficial do partido.

<sup>18</sup> Kautsky, *O caminho do poder*, cit., p. 107.

em todo o planeta. Na interpretação de Kautsky, o imperialismo teria unido (pela economia e pela política) de tal forma os mais diversos países que, doravante, não seria mais possível evitar que “perturbações políticas do Oriente repercutam no Ocidente”.

A nova era de revoluções que se descortina ao Oriente, segundo Kautsky, assemelha-se ao período insurrecional que a Europa Ocidental viveu entre 1789 e 1871. Mas, tal analogia não pode ser levada ao pé da letra, posto que os levantes de agora, “não tendem apenas a criar condições favoráveis para uma produção capitalista nacional; são também uma forma de luta contra a dominação do capital estrangeiro”<sup>19</sup>. Desse modo, tais sublevações não visam propriamente a passagem da direção das instituições políticas às mãos da burguesia industrial, mas sobretudo a conquista da independência nacional. Esse raciocínio não serve integralmente para o exame do caso específico da Rússia, uma vez que lá a questão nacional não assumiu tanta importância assim. Kautsky, porém, parece seguro de que independente do espírito combativo do proletariado russo, a seu ver, “um fator político muito mais real que os operários ingleses”, “uma revolução não poderia estabelecer imediatamente na Rússia um regime socialista, pois as condições econômicas estão ali demasiado atrasadas”<sup>20</sup>, tendo, portanto, que limitar-se a um regime democrático com forte presença dos setores mais representativos dos interesses dos trabalhadores<sup>21</sup>.

Na Alemanha, todavia, a possibilidade de uma revolução proletária não pode ser descartada. O proletariado alemão já teria preenchido todas as condições para que uma ocasional sublevação sua não fosse mais considerada uma experiência prematura: “não só cresceu consideravelmente sua força numérica, não apenas se fortaleceram suas organizações, mas a classe operária também adquiriu uma enorme superioridade moral” (id., *ibid.*, p. 100), amplificada pela “decadência moral e intelectual” da camada dirigente. Essa análise, entretanto, soa mais como uma ameaça aos altos escalões do Estado e da burguesia alemães, renitentes opositores

---

<sup>19</sup> Kautsky, *O caminho do poder*, cit., p. 99.

<sup>20</sup> Kautsky, *O caminho do poder*, cit., p. 12.

<sup>21</sup> Kautsky vai se prender a essa avaliação mesmo depois de Outubro de 1917. Em *A ditadura do proletariado*, por exemplo, embora de início ressalte que “não é o fator material, mas o fator humano que é decisivo”, não deixa de salientar que “é preciso que a maturidade do proletariado se acrescente à maturidade das condições e ao patamar necessário de desenvolvimento industrial” (Karl Kautsky, *A ditadura do proletariado*. São Paulo: Ciências Humanas, 1979, pp. 12-13). Mais adiante, adverte que “a destruição do capitalismo não é ainda o socialismo” principalmente se for levada a cabo “em um país pouco desenvolvido do ponto de vista econômico e onde o proletariado constitui apenas a minoria” (Idem, *ibidem*, p. 57). Para uma enumeração, feita pelo próprio Kautsky, das condições objetivas e subjetivas indispensáveis à superação do capitalismo veja Kautsky, *O caminho do poder*, cit., p. 02.

de uma reforma democrática do sistema político, do que como um prognóstico a ser cumprido em qualquer situação. Kautsky acredita ainda ao bloco dominante uma capacidade de estabilização e de integração, bem como um potencial de mobilização (sobretudo do aparelho burocrático e do exército), que inviabilizam a hipótese de uma transição, a curto prazo, ao socialismo, a não ser como alternativa ao confronto imperialista mais extremado, ou seja, enquanto medida defensiva (não apenas do proletariado, mas de certo modo da própria civilização) contra a ameaça de uma guerra mundial ou então como consequência desse conflito<sup>22</sup>.

Uma vez que o incremento dos fatores revolucionários e o agravamento das contradições de classe parecem ainda insuficientes para propiciar uma transição segura ao socialismo, Kautsky recomenda que o proletariado alemão se dedique particularmente, como tarefa imprescindível em seu esforço pela conquista do poder, à realização dos seguintes objetivos: “reformular o sistema eleitoral do Reichstag, conquistar o sufrágio universal e o escrutínio secreto para as eleições das câmaras, principalmente nas da Saxônia e da Prússia e, por fim, elevar o Reichstag acima dos governos e das câmaras dos diferentes estados” (id., *ibid.*, p. 85). Como se vê, o impacto da derrota eleitoral de 1907, um surpreendente e repentino retrocesso na até então sempre ascendente curva de votação do partido social-democrata alemão, não conseguiu desestimular Kautsky da viabilidade da estratégia eleitoral como caminho mais curto para o socialismo.

Muito embora a eleição de 1907 não pareça ter abalado a confiança de Kautsky na “marcha irresistível” da classe operária para a vitória eleitoral (uma transferência de objeto do expectativismo, outrora esperançoso da inevitabilidade de um colapso econômico)<sup>23</sup>, o resultado adverso deixou-o, no mínimo, impaciente em relação ao andamento das reformas, fossem elas políticas ou sociais<sup>24</sup>. Para enfren-

---

<sup>22</sup> Diga-se em favor de Kautsky que ele não considera essa hipótese implausível. Muito pelo contrário, “faz muito tempo que essa situação [de corrida armamentista e confronto imperialista] teria levado à guerra se a revolução não se apresentasse mais iminente pela guerra que pela paz armada. A força crescente do proletariado impede, há trinta anos, uma guerra européia e faz com que todos os governos, ainda hoje, retrocedam horrorizados diante dessa guerra. As grandes potências, porém, encaminham as coisas para um ponto em que os fuzis dispararão sozinhos” (Kautsky, *O caminho do poder*, cit., p. 95).

<sup>23</sup> Kautsky nunca abandona a perspectiva de que o socialismo resultaria de um colapso, seja ele econômico, político (o presságio de uma guerra mundial), ou mesmo eleitoral.

<sup>24</sup> A avaliação pessimista das conquistas dos trabalhadores alemães, a ressalva de que “no domínio da legislação operária ou das reformas sociais reina, em geral, um marasmo completo” (Kautsky, *O caminho do poder*, cit., p. 70), não significa uma descrença na política de reformas. Apesar de reconhecer as dificuldades, Kautsky incentiva uma dedicação ainda maior a esses objetivos destacando, por exemplo, a necessidade imperiosa de uma reforma eleitoral para corrigir as distorções favorecedoras do voto do campo e das pequenas cidades

tar essa situação de “estagnação geral”, para romper o isolamento e a imobilidade da classe operária, ele passa a recomendar a adoção e a combinação de diversos (e heterogêneos) métodos de luta: greve de massas e outras formas de ação direta, reafirmação da ação parlamentar, desenvolvimento incessante da organização por meio do trabalho miúdo e cotidiano etc. A abertura (pouco comum num “guardião da ortodoxia”) para uma renovação da tática partidária, a ambigüidade inerente à estratégia de “nem revolução nem legalidade a qualquer preço” (título de um dos capítulos do livro), foram recebidas pelos contemporâneos, numa seqüência de mal-entendidos, como uma indeterminação acerca dos rumos da social-democracia<sup>25</sup>.

Um ano depois, diante da retomada das demonstrações de rua na Prússia e premido pelas cobranças de apoio às formas de luta avalizadas em *O caminho do poder*, Kautsky alinha-se com a direção do partido (mas também com a cúpula sindical e os revisionistas) na condenação da viabilidade e da oportunidade de se recorrer a greves de massas. Para ele, o momento – marcado ainda por uma disparidade de força e organização entre o bloco proletário e os setores aglutinados pela classe dominante – exigia a manutenção da estratégia histórica de “desgaste” e não a opção prematura por uma (potencialmente suicida) tática de “aniquilamento” do adversário.

Essa atitude de Kautsky – no fundo coerente com uma trajetória orientada pelo propósito de evitar colocar em risco o aparato organizacional, muitas vezes sobre a capa de defesa da legalidade, da ação socialista e, portanto, sempre temerosa perante formas de atuação passíveis de escapar ao controle direto dos sindicatos e do partido – foi o pivô de uma série de polêmicas no interior da social-democracia alemã. Logo após recusar a publicar na *Neue Zeit* um texto de Rosa Luxemburg com críticas à postura adotada pela direção do partido frente aos recentes movimentos de massas, Kautsky dedica vários artigos (justificando publicamente seu ato) à refutação das propostas da ala esquerda, em especial, das teses de Rosa. Em seguida, defende a ação parlamentar contra Anton Pannekoek e, por fim, em 1912, encara ainda uma controvérsia com Franz Mehring. O saldo desses debates, ao mesmo tempo em que forja e consolida o centro ortodoxo como uma tendência bem definida do espectro político e ideológico do SPD, também configura, desde já, uma divisão irremediável no campo marxista, cristalizada em breve com o colapso de mais uma Internacional Socialista.

---

em detrimento do voto urbano, responsáveis, a seu ver, pela derrota do SPD no escrutínio de 1907 (veja *idem*, *ibidem*, pp. 82-83).

<sup>25</sup> Kautsky não deixa de reforçar essa impressão quando adverte que a força política e econômica do capital aumentam simultaneamente com o incremento do poder do proletariado. Com isso, o resultado da “batalha final” torna-se imponderável.